



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

de Souza, Juliano; Marchi Júnior, Wanderley
AS LINHAGENS DA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO – UM PROGRAMA DE
ANÁLISE
Movimento, vol. 23, núm. 1, enero-marzo, 2017, pp. 101-118
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115350608008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

AS LINHAGENS DA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO – UM PROGRAMA DE ANÁLISE

*THE LINEAGES OF BRAZILIAN SOCIOLOGY OF FOOTBALL: AN ANALYSIS
PROGRAM*

*LOS LINAJES DE LA SOCIOLOGIA DEL FÚTBOL BRASILEÑO – UN PROGRAMA
DE ANÁLISIS*

Juliano de Souza*, Wanderley Marchi Júnior*

Palavras chave:
Sociologia. Futebol.
Conhecimento.
Brasil.

Resumo: Ao longo deste texto, procuramos apresentar um programa de análise que permita revisitar, de um ponto de vista crítico e reflexivo, a produção de conhecimento no campo da Sociologia do Futebol no Brasil. Para dar conta desse objetivo, o manuscrito foi dividido em duas partes. Na primeira delas, serão apresentadas algumas questões de ordem teórica e metodológica que foram centrais na tentativa de levarmos a efeito o exercício de “escavamento genealógico” das linhagens da Sociologia do Futebol brasileiro. Na segunda parte do texto, por sua vez, serão expostas, em linhas gerais, algumas das particularidades analíticas das quatro “famílias intelectuais” da Sociologia do Futebol brasileiro que foi possível identificarmos.

Keywords:
Sociology.
Soccer.
Knowledge.
Brazil.

Abstract: This text presents an analysis program that allows revisiting knowledge production in the field of Sociology of Football in Brazil from a critical and reflective perspective. The manuscript was divided into two sections. The first section presents some theoretical and methodological questions that were key to our attempt to the exercise “genealogical digging” of lineages of Brazilian Sociology of Football. The second section provides a general description of some analytical peculiarities on the four “intellectual families” of Brazilian Sociology of Football we found.

Palabras clave:
Sociología.
Fútbol.
Conocimiento.
Brasil.

Resumen: A lo largo de este texto, intentamos presentar un programa de análisis que permita revisar, desde una perspectiva crítica y reflexiva, la producción de conocimiento en el campo de la Sociología del Fútbol en Brasil. Para alcanzar este objetivo, el manuscrito se divide en dos partes. En la primera, presentaremos algunas de las cuestiones teóricas y metodológicas que fueron centrales en el intento de realizar un ejercicio de “excavación genealógica” de los linajes de la Sociología del Fútbol brasileño. En la segunda parte del texto, a su vez, se expondrán, en líneas generales, algunas de las particularidades analíticas de las cuatro “familias intelectuales” de la Sociología del Fútbol brasileño que pudimos identificar.

*Universidade Estadual de Maringá.
Maringá, PR, Brasil.
E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

Recebido em: 05-08-2015
Aprovado em: 06-12-2016

 Licence
Creative Commons

1 INTRODUÇÃO

O futebol, na condição de um dos principais fenômenos culturais de apelo massivo que a sociedade moderna teve e tem conhecimento, despertou a curiosidade de vários intelectuais, em especial no mundo pós-Segunda Guerra. Talvez não seja exagerado dizer que o crescente interesse pelo futebol no âmbito das Ciências Humanas e Sociais seja também efeito de seu crescente processo de difusão e circulação na modernidade. No caso do Brasil, o estatuto do futebol como objeto legítimo de problematização sociológica passou a ser construído de uma forma mais rotineira notavelmente a partir dos anos 1980, e autores das mais diferentes áreas investigativas (Educação Física, Antropologia, Sociologia, História, Economia, Geografia, Administração, Comunicação Social etc.) contribuíram nesse processo através de inúmeras abordagens teórico-metodológicas. Essa polissemia de olhares, sem dúvida, é louvável e convidativa a diálogos e também a uma gama de discussões teóricas que, se devidamente mediadas e negociadas pelos pares, teriam tudo para consolidar o desenvolvimento de uma criteriosa Ciência Social do Esporte e, mais designadamente, do futebol no país.

Acontece, entretanto, que, apesar dessa multiplicidade de enfoques e de orientações metodológicas, esses agentes de investigação, oriundos de diferenciadas carreiras acadêmicas, parecem ter contribuído diretamente, ao menos como pudemos observar no mapeamento das linhagens intelectuais que contribuíram para elevar o futebol à categoria de objeto passível de análise sociocultural no país – linhagens essas a serem brevemente apresentadas e discutidas na segunda parte do artigo –, para estruturação de um campo ou subcampo da Sociologia do Futebol. É por partilharmos, inclusive, desse entendimento que nos aprrove então se reportar aqui mais generalizadamente ao âmbito da Sociologia do Futebol e não da Antropologia, da História, da Geografia ou de outras áreas que vêm estudando esse esporte no Brasil.

Além disso, cabe advertir que, muito embora uma parte considerável dos trabalhos aqui consultados e citados tenha originalmente emergido desses domínios investigativos aludidos, coube-nos elencar todos esses textos sob a mesma unidade nominal de Sociologia do Futebol por reconhecer em tais textos uma tentativa de produzir explicações totalizantes do fenômeno e restituir algumas de suas regularidades, condições que, sem dúvida alguma, são marcas indeléveis do *métier* sociológico. Além disso, esses trabalhos a que recorremos demonstraram variados graus de apropriação de referenciais teóricos da Sociologia para levar a efeito suas interpretações acerca do objeto em questão, o que, por sua vez, evidenciou uma lógica de produção de conhecimento que, em distintos e discutíveis graus, resultou da articulação entre empiria e teoria, conforme recobrado nas diferentes tradições intelectuais que integram essa área do saber, desde quando emergiu como disciplina autônoma.

Ao longo deste artigo, procuramos aprofundar essas e outras questões e apresentar um programa de análise que permita revisitar, de um ponto de vista igualmente crítico e reflexivo, a produção de conhecimento no campo da Sociologia do Futebol no Brasil. Para dar conta desse objetivo, o manuscrito foi dividido em duas partes. Na primeira delas, serão apresentadas algumas questões de ordem teórica e metodológica que foram centrais na tentativa de levarmos a cabo o exercício de “escavamento genealógico” das linhagens da Sociologia do Futebol brasileiro. Na segunda parte do texto, serão expostas algumas das particularidades analíticas das quatro “famílias intelectuais” da Sociologia do Futebol brasileiro que foi possível identificarmos, sem a pretensão, todavia, de encerrar o debate aqui, mas, ao invés disso, lançar elementos teóricos que lhe deem suporte.

Ainda como estratégia metodológica a ser adotada na segunda parte do artigo, optamos tão somente por apresentar a “ideia-força” central que visualizamos por trás de cada uma das linhagens e alocar em notas de rodapé alguns fragmentos analíticos retirados da obra de diferentes autores que, no ato de pensarem/analisarem o futebol brasileiro, construíram seus argumentos (ou parte deles) a partir da lógica de reiteração/rotinização/reprodução, íntegra ou parcial, dessas “ideias-força”. Em tempo, aproveitamos a oportunidade para agradecer aos referees que avaliaram propositivamente o manuscrito, apontando seus limites, contribuições e, mais que isso, sinalizando para importância de construir um espaço de discussão no qual o confronto dos diferentes pontos de vista contribui para qualificar o debate científico.

2 QUESTÕES DE ORDEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

O empreendimento aqui levado a efeito não é em todo inédito e, de certa forma, já foi pleiteado nos trabalhos de alguns estudiosos (SHIRTS, 1982; SOARES, 1998; TOLEDO, 2001; RODRIGUES, 2003; SILVA *et al.*, 2009; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; HELAL, 2011; MURAD, 2011) que se predispuaram a realizar, cada qual ao seu modo – e de diferentes perspectivas –, um balanço bibliográfico com relação às temáticas e a uma série de questões epistemológicas referentes à produção sócio-histórico-antropológica sobre o futebol brasileiro. Diferentemente desses autores, no entanto, não temos por intuito realizar uma revisão exaustiva da literatura com o propósito imediato de enumerar quais seriam os polos de difusão de conhecimento, os agentes e instituições, assim como os temas de pesquisa e eixos teóricos que vêm norteando a produção do saber em Sociologia do Futebol no Brasil. São, sem dúvida, questões de suma importância e que fornecem um panorama satisfatório da produção de conhecimento na área assim como de suas principais tendências.

Não obstante a relevância do trabalho de mapeamento realizado por esses autores, o que aqui está em tela é uma tentativa de “escavamento genealógico” de algumas linhagens intelectuais da Sociologia do Futebol no Brasil, em empreendimento consubstanciado na proposta investigativa sistematizada pelo sociólogo brasileiro Gildo Marçal Brandão (2005) na esteira do programa teórico que Mannheim (1967 [1925]) esboçou em seu reconhecido ensaio *O problema de uma Sociologia do Conhecimento* e estruturou anos mais tarde em sua obra magna *Ideologia e Utopia* (MANNHEIM, 1976 [1929]). Com vistas a atingir êxito nesse exercício, procuramos primeiramente revisitar de maneira exploratória a produção de natureza sociocultural materializada em torno do futebol brasileiro para, num momento seguinte, identificar relações intergeracionais entre os estudos e construir um *corpus* articulado de conhecimento, num esforço de síntese que, em seu elevado grau de radicalidade epistêmica, nos possibilitou visualizar e recuperar algumas linhagens intelectuais – “famílias teóricas” – que se têm feito preponderar nesse domínio de investigação acadêmica.

Oportuno frisar que essas “famílias teóricas” expressas e sintetizadas então em quatro principais vertentes – conforme teremos a oportunidade de argumentar mais detidamente na próxima seção do artigo – não são as únicas a circular no campo acadêmico brasileiro, muito embora elas orientem decisivamente a produção dos estudos socioculturais do futebol nesta sociedade e cubram parte considerável dos trabalhos publicados e divulgados em escala nacional, independentemente da área de conhecimento a que pertencem os proponentes das pesquisas e dos procedimentos e orientações metodológicas que adotam.

Evidente que a circulação social dessas linhagens não se conformou como processo circunscrito e encerrado aos limites de uma única sociedade, a exemplo da brasileira ou outra qualquer. Muito provavelmente a tendência de circulação das ideias sociológicas por via dessas linhagens e do trabalho dos intelectuais por trás delas foi fruto de uma lógica transnacional pautada na conformação de um mercado internacional de ideias (BOURDIEU, 2002) posto que, em primeiro lugar, a difusão do futebol como fenômeno sociocultural e de apelo massivo não se constituiu como um processo estanque (GIULIANOTTI, 2002) e, em segundo lugar, que o interesse em apreender esse esporte – em movimento de difusão pela sociedade moderna – na condição de fenômeno sociológico concretizou-se como uma agenda de pesquisa que antes de ser levada a cabo no Brasil já havia sido posta em prática nos centros de produção sociológica europeus. Dito de outra maneira, estamos atentos ao fato de que as linhagens da Sociologia do Futebol brasileiro são relacionais ao próprio dimensionamento do futebol como um objeto sociológico em escala internacional, muito embora, para os efeitos da análise aqui proposta, optemos, em diálogo com a abordagem contextualista de Bourdieu, em nos deter na análise deste campo de conhecimento tal como estruturado no Brasil.

Outra observação metodológica importante a ser ressaltada acerca dessas linhagens é que elas, na condição de fenômenos ideológicos – perpassados por uma série de categorias históricas de pensamento acionadas em seus devidos contextos –, surgem como sustentáculos de uma variedade de ideias-força¹ que afetaram a forma com que a sociedade brasileira viria a pensar o futebol e, em certa medida, a se pensar a partir dessa prática esportiva. No nosso ponto de vista, portanto, o principal efeito prático dessas linhagens é que cada uma delas, ao seu modo, acabou veiculando uma espécie de “utilidade social” ao domínio de circulação do futebol nesta sociedade, até mesmo pelo fato de que tais “famílias intelectuais”, ao mesmo tempo em que “fizeram” o senso comum, também retiraram seu poder de convencimento desse mesmo senso comum, estruturando, nesse particular, um eficaz círculo vicioso que, dentre outras implicações práticas, garantiu hegemonia explicativa a essas tendências de pensamento em detrimento de outras, conforme sugeriremos a seguir.

Antes, contudo, de avançarmos nesse desiderato e tecermos qualquer comentário mais preciso no sentido de tematizar a singularidade explicativa de cada uma das linhagens intelectuais delimitadas, é importante acrescermos algumas ressalvas teórico-metodológicas à argumentação que propomos. Em primeiro lugar, cabe advertir que o esquema metodológico de Bourdieu, pertinente a esse tipo de discussão e com o qual, diga-se de passagem, estamos familiarizados em nossa trajetória, de certa forma, prescreve e fornece uma série de subsídios teóricos para essa proposta de reconstrução epistemológica que aqui estamos pleiteando. Sobretudo, se pensarmos que, para esse autor, só podemos avançar em uma compreensão mais adequada e rigorosa do mundo social na medida em que passamos a problematizar as próprias categorias de pensamento e conjunto de enunciados teóricos que, com efeito, são mobilizados para compreensão deste mesmo mundo social (BOURDIEU, 1989, 2008).

Em segundo lugar, devemos salientar que o programa para Sociologia da Ciência, de Bourdieu, desenvolvido ao longo de sua obra e sistematizado notadamente no livro *Os usos sociais da ciência* (BOURDIEU, 2004), apesar de inspirador e com valor relativamente central no

¹ Ao assumir-se esse tipo de abordagem, é necessário efetuar um deslocamento teórico-metodológico no sentido de avançar em uma proposta de trabalho não atenta apenas ao conteúdo das ideias, mas, em tão presente medida, à eficácia social e política das ideias. O termo “ideias-força” se refere justamente a esse deslocamento e está sendo aqui empregado no lastro da argumentação de estudiosos que ambicionaram restabelecer, cada qual ao seu modo, alguns pontos de aproximação existentes entre o denominado ensaísmo e a então reflexão sociológica institucionalizada (BOTELHO; LAHUERTA, 2005; BOTELHO, 2007, 2010; BOTELHO; BASTOS; VILLAS BÔAS, 2008), se contrapondo, nesse sentido, àquelas vertentes de compreensão do pensamento social brasileiro que procuraram evidenciar um corte epistemológico – quando senão instaurar uma visão disjuntiva – entre os trabalhos de natureza teórica dos textos ensaísticos e as pesquisas fundamentadas empiricamente.

recenseamento epistemológico que aqui propomos, se concentra, sobretudo, no desvelamento do mapa que articula as estruturas subjetivas dos agentes de investigação com as estruturas objetivas do campo científico que concorrem e, acima de tudo, disputam o monopólio da competência legítima para dizerem o que é ou não é pertencente ao domínio científico. Nesse caso, a lógica de raciocínio desenvolvida pelo autor francês em sua teoria do campo científico talvez não seja a mais adequada para mapearmos e, ademais, avançarmos no entendimento das especificidades teóricas que caracterizam as linhagens da Sociologia do Futebol brasileiro, as quais, em relativa independência ao processo de institucionalização desse objeto de estudo na condição de espaço de disputas por prestígio e reconhecimento, se expressaram, ao longo do tempo, a partir da rotinização de ideias-força caras ao trabalho de autores e intelectuais que, muitas vezes, nem estiveram cônscios desse processo.

Decorre, portanto, desta inflexão teórica, a necessidade de somarmos ao programa da Sociologia da Ciência de Bourdieu a proposta de investigação das linhagens do pensamento político-social brasileiro tal como desenvolvida e sistematizada por Brandão (2005), muito embora devamos ressaltar que o modelo analítico proposto pelo sociólogo brasileiro para a Sociologia dos Intelectuais destoa consideravelmente daquelas abordagens contextualistas que se preocupam em desvelar o processo de institucionalização das Ciências Sociais ou de outra área/objeto de investigação acadêmica. De qualquer modo, essa possibilidade de aproximação teórica entre ambas as abordagens é plausível e justificável em nosso investimento, na medida em que temos o interesse de mapear tanto algumas das afinidades eletivas entre determinados autores – de tempos históricos diferentes – que integraram as mesmas “famílias intelectuais” quanto o de considerar algumas das disputas e tensões objetivas inerentes ao processo de constituição do futebol como um objeto de interesse sócio-histórico-antropológico no país.

Além disso, a opção por encaminharmos essa recensão a partir de certo “pluralismo teórico” no sentido de fazermos uso de contribuições teóricas tão distintas como as de Bourdieu e Brandão, por exemplo, justifica-se pelo fato de que, muito embora entendamos que a constituição dessa área do saber obedeça, de fato, a uma cronologia própria expressa em suas fases de desenvolvimento e nas tomadas de posições conflitantes entre os agentes de investigação tal como possível depreender do programa de pesquisa que Bourdieu reservou ao campo acadêmico-científico, ainda assim, não podemos restringir sua leitura tão somente a esse itinerário, até porque outros processos de natureza social, científica e cultural foram centrais na sobredeterminação do futebol como objeto passível de problematização e análise sociológica. Deste modo, a existência de “famílias intelectuais” extremamente duráveis da Sociologia do Futebol no país aponta para um desses processos.

Feitas essas observações, é importante avançarmos a discussão e nos determos com mais afinco ao modelo investigativo de Brandão (2005), em particular no que tange ao modo com que devem ser escavadas as “famílias intelectuais” preponderantes em determinada área de estudo. Sobre esse *modus operandi*, a socióloga brasileira Elide Rugai Bastos esclarece:

Ao afirmar a presença de linhagens no pensamento político brasileiro, Gildo não pressupõe a existência de uma linearidade ou de um traço evolutivo que unifica as idéias. Supõe continuidades e rupturas entre elas. Afirma não existirem matrizes ideológicas transtemporais. Desse modo, procura equilibrar duas formas de compreensão do pensamento: de um lado os elementos teóricos fundantes das idéias; de outro, o contexto histórico em que são gestadas, desenvolvidas, modificadas e aplicadas às situações concretas. A partir dessa difícil combinação, aponta as “afinidades eletivas” existentes entre autores que, por vezes, nem

mesmo se dão conta desse fato. Tais encontros ocorrem tanto a partir de uma polissemia de conteúdos aos quais se aplicam os mesmos conceitos quanto de uma aparente multiplicidade de termos que remetem a uma mesma conotação. Assim, Gildo propõe um método para abordar tanto os temas quanto os autores brasileiros (BASTOS, 2010, p. 6-7, os grifos são nossos).

Tal como é possível entrever deste comentário, Brandão sistematiza uma proposta de análise heurística do conhecimento cujo pressuposto norteador resulta da compreensão de que o pensamento social brasileiro não deveria ser tratado como uma mera pré-história ideológica a ser preterida em relação às investigações que remetem ao momento de institucionalização das Ciências Sociais como disciplina acadêmica no Brasil. Essa última postura, segundo o autor, equivale, inclusive, a equiparar as Ciências Sociais às Ciências Naturais de modo a se direcionar os esforços metodológicos da primeira área, no tocante ao entendimento da produção das ideias e da circulação social delas, num sentido estrito de progressão e sem dar crédito à produção dos intelectuais que se predispuaram a pensar o país no período que precedeu a institucionalização dessa disciplina (BRANDÃO, 2005, p. 234).

Além dessa observação, Brandão também reitera que as formas predominantes de estudar a produção de conhecimento em Ciências Sociais no Brasil tendem invariavelmente a ocultar a existência de estilos, “famílias intelectuais” e linhagens duradouras do pensamento político-social brasileiro que, se assim tratado, revelar-se-ia na condição de um importante elemento integrador para pensar a política e desenvolver muitas das análises científicas atuais (BRANDÃO, 2005, p. 235-236). Diga-se de passagem, que é justamente então o processo de constituição dessas “famílias intelectuais” que Brandão pretende compreender de modo a assinalar as principais características dessas “famílias” e levar a efeito o escavamento de suas genealogias. Uma primeira linhagem que o autor identifica seria então a “conservadora”; uma segunda linhagem a “liberal”; e uma terceira linhagem – mencionada, mas não aprofundada – a “crítica de esquerda”. É de suma importância frisar que essas formas de pensamento não são excludentes entre si, tendo em vista que na condição de fenômenos sociais e ideológicos se comunicam e se influenciam reciprocamente (BRANDÃO, 2005, p. 241).

Como é possível notarmos a partir desse breve recenseamento, Brandão contextualiza de forma cuidadosa e conexa suas linhagens em termos de forças políticas que, materializadas sob a forma de produção de conhecimento de causa, são tanto reflexos da estrutura político-social vigente em determinadas épocas quanto propulsoras dos referidos processos político-sociais estruturados nessas mesmas épocas. No que versa, entretanto, ao programa de análise que estamos propondo para tratar das linhagens da Sociologia do Futebol brasileiro, optamos por não localizá-las a partir de um ângulo exclusivamente político e sim como ideias-força – com suas diversas implicações políticas, é claro –, que ao mesmo tempo em que incidiram sobre a compreensão que a sociedade brasileira tem do futebol, em particular, e do esporte, em geral, são também devedoras aos próprios processos de agenciamento político-cultural que ajudaram a edificar e, muito especialmente, a estruturar o campo esportivo brasileiro.

A fim de melhor contextualizar essas linhagens, nos coube priorizar aqueles textos que seriam então os mais representativos e, sobretudo, ilustrativos das especificidades com que elas foram gestadas no campo acadêmico brasileiro. Essa escolha, por sua vez, não se deu arbitrariamente, mas, ao invés disso, guiada pelo princípio metodológico apresentado por Brandão (2005) para justificar a importância de retomar determinados textos para avançar no escavamento de linhagens intelectuais e não outros quaisquer. Nas palavras do autor:

[...] não há como fugir do suposto segundo o qual as obras mais significativas, os textos fundamentais, as criações teóricas mais típicas são mais capazes – **porque mais coerentes, mais amplas, mais profundas e mais autônomas** – de revelar a natureza de uma época e a consciência de uma concepção política, de permitir aos homens a tomada de consciência do que fazem e de extraír todas as implicações de sua própria situação (BRANDÃO, 2005, p. 243, os grifos são nossos).

Enquadradadas nesses termos – e retomadas sob o crivo dessa premissa metodológica –, as obras aqui delimitadas, segundo o esforço de síntese e de totalização explicativa que engendraram, se constituem como textos reveladores acerca de uma série de valores culturais e políticos inerentes ao debate futebolístico protagonizado na sociedade brasileira, por conta, sobretudo, da constituição de ideias-força no campo da Sociologia e, mais precisamente, no âmbito da Sociologia do Futebol. Compete-nos, além disso, lembrar que essas ideias, ao se difundirem para as mais distintas esferas da vida social brasileira, ganharam em legitimidade e prestígio ao mesmo tempo em que estruturaram dinâmicas político-culturais que foram indispensáveis ao ato de reconstrução daquilo a que damos o nome de realidade.

Uma última ressalva antes de passarmos à próxima seção do texto, onde apontaremos as especificidades de cada uma das “famílias intelectuais” da Sociologia do Futebol brasileiro, é que este exercício epistemológico aqui pleiteado não se presta à tessitura de comentários depreciativos quanto à estrutura teórico-metodológica das obras consultadas. Cabe advertir, portanto, que nosso interesse aqui é pelo conteúdo e pela eficácia social das ideias vinculadas nessas linhagens, de modo que seja possível compreender as percepções dominantes acerca do futebol brasileiro e, num nível seguinte de esforço, colocar em xeque o sistema de crenças sociais erigidas em torno dessa prática esportiva no Brasil.

3 AS “FAMÍLIAS INTELECTUAIS” DA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

A partir dos encaminhamentos teórico-metodológicos acima expostos é que nos lançamos então à tarefa de revisitar de forma exploratória a produção sociocultural brasileira sobre o futebol e procurar estabelecer relações intergeracionais entre produções bibliográficas gestadas em momentos histórico-sociais diferentes, mas que ainda assim reportaram a um mesmo núcleo de ideias-força, com uma série de modificações, é verdade, em suas estruturas enunciativas, sendo este, portanto, o critério principal para reunir uma gama de autores e de produtores culturais – que talvez nem tenham ciência dessas afinidades ou sequer tenham procurado manter diálogo explícito com a produção dos demais – no interior de uma mesma “família intelectual”. Em razão disso, foi preciso ainda não estabelecer uma visão disjuntiva entre as reflexões de teor literário e científico, tendo em vista que tal hierarquização ou valoração normativa minaria qualquer possibilidade de restituirmos o “cordão invisível” a interligar discursos *distintos em sua forma, mas muito semelhantes em seu conteúdo*.

Armados de tal senso metodológico, pudemos identificar então quatro principais e duradouras linhagens que vêm predominando no âmbito da Sociologia do Futebol brasileiro. No esforço de nominá-las – mas no intuito também de evitar uma taxonomia simplista que levasse a enquadramentos político-ideológicos dos autores e de suas obras –, optamos por diferenciar essas linhagens segundo as próprias categorias analíticas e ideias-força que predominaram em sua existência ou, melhor dizendo, em sua estilística. Tomadas essas precauções, definimos as quatro “famílias intelectuais” predominantes nesse campo do saber nos seguintes termos:

(1) liberalismo, patrimonialismo e a tese do atraso do futebol brasileiro; (2) a crítica cultural de esquerda e a tese do futebol como “ópio do povo”; (3) a tese da singularidade cultural brasileira e o futebol como “aula de democracia”; e (4) a tese do dilema racial brasileiro e o futebol como *locus* de reprodução deste conflito.

Em relação à primeira linhagem identificada, ressaltamos que ela contribuiu para difundir e fazer valer na sociedade brasileira duas ideias-força acerca do futebol que se tornaram leituras dominantes e pouco questionadas no país, quais sejam as ideias de que a lógica pela qual se deu o processo de modernização desse esporte no Brasil explicitaria um atraso/defasagem em relação à modernidade esportiva europeia e que a corrupção como um mal genético desse tipo de formação social é que estaria impedindo o futebol brasileiro de se modernizar nos moldes europeus (SOUZA, 2014). Trata-se de leituras do futebol que foram tecidas em relação íntima com algumas interpretações teóricas do próprio Brasil proporcionadas no âmbito mais generalista das Ciências Humanas e Sociais, em particular com o conjunto de ideias apresentadas pioneiramente na obra de Sergio Buarque de Holanda e de alguns de seus continuadores, a exemplo de Raymundo Faoro.

Colocado de forma bastante abreviada, podemos dizer que a leitura dualista assentada no entendimento de que a dinâmica de modernização da sociedade brasileira se deu através da coexistência de uma ordem social patrimonialista – herdada do colonialismo português – com outra liberalista – de influência inglesa –, mas sem que a segunda substituisse a primeira (FAORO, 1993), é que permitiu que essa variante interpretativa de “modernidade defasada”, em que supostamente haveria faltado “sementes” do capitalismo na dinâmica de modernização da sociedade brasileira, em virtude, sobretudo, de uma resistência patrimonialista no país, fosse apropriada pelos campos de produção cultural através de investimentos materiais e simbólicos que denotavam certo idealismo em relação à modernidade normativa europeia.

No caso mais específico dos estudos socioculturais do futebol no Brasil, a rotinização dessas ideias contribuiu para fazer emergir uma “família intelectual” em que tanto as análises críticas do futebol brasileiro como as possíveis soluções para os dilemas inerentes à circulação dessa prática esportiva no país foram apresentadas tendo por referente comparativo o processo de modernização do futebol europeu e das sociedades europeias. Um dos estudos em que esse tipo de interpretação, em certa medida, se fez prevalecer é a tese de doutorado de Marcelo Proni (1998) intitulada *Futebol empresa e esporte-espetáculo*. Partindo do aludido estudo e, mais que isso, procurando estabelecer relações intergeracionais no âmago dessa linhagem, percebemos, por exemplo, ser possível associar alguns dos posicionamentos de Proni (1998) desenvolvidos então em sua tese² – em especial no que versa sobre a necessidade do futebol brasileiro se modernizar – a algumas das ideias tecidas por João Saldanha no livro *Subterrâneos do futebol*, datado de 1963³, no qual o futebol europeu foi deveras idealizado. De

2 “Ainda no final dos anos setenta, apesar dos esforços mencionados, estabeleceu-se certo consenso de que aumentara a defasagem da estrutura profissional do futebol brasileiro em relação à do futebol europeu. Não era incomum aparecerem propostas de modernização para o futebol brasileiro, que tinham como referência o novo modelo de organização que vinha sendo desenvolvido na Europa: o chamado “futebol-empresa”. De fato, enquanto os clubes brasileiros continuavam a ser administrados passionadamente e a depender de receitas oscilantes, enquanto imperava a desorganização nas federações, com alterações freqüentes de datas e horários de jogos, em alguns países da Europa o futebol já era mais bem planejado e melhor administrado, com várias equipes testando novas estratégias de marketing e implementando métodos modernos de gestão esportiva, como fontes de receitas mais permanentes e campeonatos mais lucrativos [...]” (PRONI, 1998, p. 205); “Tanto a indução ao profissionalismo e a criação do CND, durante a primeira era Vargas, quanto a implantação do campeonato nacional, a regulação da profissão do jogador de futebol e a criação da CBF, durante o período da ditadura militar, podem ser interpretadas como passos importantes na direção da atualização do futebol brasileiro em relação ao europeu, de um lado, e da busca da vida civil disciplinada e da integração nacional através do esporte, de outro. Independentemente dos motivos dessa intervenção, o que importa é que, durante os primeiros cinqüenta anos de existência, o futebol profissional precisou da tutela estatal para se estruturar e crescer” (PRONI, 1998, p. 204).

3 “Os países da Europa compensam, de certa maneira, suas desvantagens com um treinamento realmente digno de nome, com um material

forma mais surpreendente, foi possível perceber ainda que ambos os núcleos argumentativos que permearam as duas produções em tela sobre futebol também se fizeram reportar, em parte, às ideias-força que Sérgio Buarque de Holanda sistematizou no livro *Raízes do Brasil*, de 1936, com o propósito maior de restituir as particularidades do processo modernizador brasileiro (SOUZA, 2014).

Já no tocante à especificidade analítica norteadora da segunda linhagem da Sociologia do Futebol brasileiro, é oportuno ressaltar que a principal ideia-força que tem sido veiculada no âmago dessa “família intelectual” é que o futebol no Brasil ou, mais amplamente, na sociedade moderna, insurgiria supostamente como uma prática alienante que desvirtuaria os diferentes grupos sociais da percepção de seus principais problemas e conflitos. Trata-se, como vemos, de uma leitura crítica acerca dessa prática esportiva e que, portanto, só pode ser devidamente restituída quando dimensionada paralelamente à circulação social do referencial teórico marxista no Brasil ou, mais precisamente, à apropriação das diferentes variações de marxismo levada a cabo por determinadas alas da intelectualidade brasileira (SOUZA, 2014).

Em linhas gerais, a crítica de base marxista ou, noutros termos, a crítica cultural de esquerda, contribuiu para elevar essa prática esportiva – o que não é exclusividade do futebol e recobrada, inclusive, a respeito de outros artefatos e bens culturais – ao nível de uma esfera impregnada pela lógica capitalista percebida essencialmente como uma realidade objetivada em função da distribuição da renda dos indivíduos decorrentes do lugar que ocupam no sistema de produção. A linha de raciocínio desenvolvida evidencia então uma espécie de relação simbiótica entre o futebol e a sociedade capitalista moderna na qual ele está inserido, pois se o futebol é tão somente reduzido a interesses puramente econômicos assim como a sociedade que o comporta, nada mais óbvio e natural, segundo argumentam alguns portavozes do marxismo no mundo acadêmico, que essa prática se constitua como reflexo das “lutas econômicas” que têm origem mutuamente na própria infraestrutura e estrutura que ampara esse tipo de sociedade sem precedentes na história (SOUZA, 2014).

O futebol visto por esse ângulo crítico situar-se-ia então na superestrutura do sistema capitalista e inserido, portanto, em um esquema de dominação ideológica e institucional pelo qual se manteriam intactas as estruturas de poder decorrentes, segundo a abordagem marxista em suas mais diferentes roupagens, da distribuição desigual da renda necessária para se ter acesso aos recursos escassos. Importante notarmos, sem mais delongas, que a partir dessa perspectiva analítica é que posteriormente se sobredeterminaria a difundida tese do futebol como “ópio do povo”, ou seja, como prática que funcionaria supostamente na condição de um “solvente” das massas e tendo por principal função diminuir a força política dos agentes na medida em que os incutia uma falsa e ilusória consciência da realidade. O futebol, nesse caso e a despeito das características que do ponto de vista psicossocial partilha com os demais esportes, surgiria então como um *locus* apto a desviar a atenção dos agentes das contradições sociais mais básicas, causando inércia, conformismo e um falso sentimento de unidade.

A sistematização dessa interpretação marxista sobre o futebol na esfera acadêmica brasileira, até onde pudemos investigar, foi realizada pelo pesquisador Roberto Ramos em

humano portador de melhor saúde hereditária e com uma aplicação estratégica e tática de jogo em nível mais elevado” (SALDANHA, 1980, p. 120). “Qualquer time da primeira divisão, onde haja profissionalismo na Europa, tem um treinamento de alta categoria. Alguém poderia argumentar que “nós é que estamos certos e eles errados”. Que nosso espontaneísmo e nossa anarquia é que são bons. A prova é que “ganhamos duas Copas do Mundo pra cima deles”. Isto é absolutamente falso. A anarquia não é forma de desenvolvimento em nenhum setor de atividade humana” (SALDANHA, 1980, p. 166).

seu livro *Futebol: ideologia do poder*, de 1984⁴, muito embora várias críticas de teor marxista ao futebol ou, de uma maneira mais ampla, ao esporte, tenham se feito circular na sociedade brasileira por meio das intervenções que inúmeros intelectuais – entre eles, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade⁵, Mário de Andrade, Carlos Sússekind de Mendonça – teceram ao futebol nos mais diferentes momentos histórico-sociais do século XX no país, conforme analisado exaustivamente por uma série de autores (COSTA, 1994; TOLEDO, 1996; SOARES; LOVISOLI, 1997; PEREIRA, 1998; SANTOS, 2000; LINHALES, 2006; CAPRARO, 2007; FERREIRA, 2007; HOLLANDA, 2009; ROSSO, 2010).

A força do debate marxista institucionalizado academicamente no Brasil, como se sabe, desde os anos 1930 com a publicação da obra de Caio Prado Júnior intitulada *Evolução política do Brasil*, datada de 1933, e, uma década depois, de seu clássico texto *Formação do Brasil contemporâneo*, de 1942 (MOTA, 1980; RICUPERO, 2000), pode ter repercutido de alguma forma, e é bem provável que assim tenha se dado, nos posicionamentos críticos que esses intelectuais que mencionamos manifestaram em relação ao futebol. No caso de Ramos, no entanto, o que nos parece estar diretamente em pauta é a discussão do futebol como aparelho ideológico do Estado, em uma linha interpretativa próxima àquela que ganharia força no país a partir da influência da obra de Jean-Marie Brohm sobre alguns setores da intelectualidade brasileira que se predispuaram a pensar o esporte (VAZ, 2005; TORRI; VAZ, 2006). A propósito, o livro de Brohm intitulado *Sociología política del deporte* (BROHM, 1976) é um marco na apropriação da vertente marxista de raiz althusseriana para pensar as práticas esportivas, muito embora devamos notar que aqui no Brasil, Ramos (1984), com um menor grau de sofisticação, diga-se de passagem, foi quem sistematizou essa leitura do futebol como aparelho ideológico de Estado, sem, para tanto, recorrer, ao menos de forma explícita e por meio de citações diretas, às análises de Brohm (SOUZA, 2014).

A terceira linhagem da Sociologia do Futebol brasileiro quando comparada às duas primeiras representa uma tradição de pensamento mais duradoura e com uma materialização de conhecimento quantitativamente mais expressiva no país (SOUZA, 2014). Trata-se de uma linhagem que podemos chamar de genuinamente brasileira, tendo em vista que as bases epistemológicas que estão por trás de suas ideias-força ou, mais precisamente, de suas categorias analíticas, partem de demandas tidas como locais a despeito, portanto, da discussão materializada acerca da produção da identidade nacional ou então dos laços de solidariedade supostamente erguidos no país de forma compensatória à frieza e ao impessoalismo das relações constituídas em torno de instituições como, por exemplo, o mercado.

O grande teórico sistematizador das ideias que essa terceira linhagem espalharia para determinadas alas da intelectualidade brasileira e, com tamanha força, para a sociedade civil organizada, é o antropólogo Roberto DaMatta. Segundo Jessé Souza (2006), DaMatta é de

⁴ “O futebol é um aparelho ideológico do Estado. Apresenta uma sociedade capitalista sublimada. O futebol se descontextualiza da realidade, mas a reproduz com muitos retoques. É, ideologicamente, igualitário. Não permite hierarquia. Reprime o conflito de classes pacificamente. Os burgueses e trabalhadores são transformados em torcedores. As relações de dominação e exploração capitalistas desaparecem. São substituídas pela identificação dos torcedores, ou no máximo pela divergência clubística. Há a implantação de outra dimensão do real. Os torcedores possuem o objetivo comum de conviver com o universo do futebol. A democracia é total e estável nos estádios. Aparentemente a liberdade de expressão do pensamento atinge níveis irrestritos. O trabalhador se projeta no árbitro, no jogador e no adversário. Descarrega toda a sua agressividade, acumulada no trabalho, onde é oprimido e silenciado. Quando termina o jogo, ele está em perfeitas condições psicológicas para obedecer ao patrão” (RAMOS, 1984, p. 33).

⁵ “Não, você não tem razão alguma em fazer restrições ao empreendimento desses meninos e dessas moças. Só o fato deles nos descansarem do cinema, dessa imbecilização crescente pela tela, com que os Estados Unidos afogaram o mundo, para depois tomá-lo sem resistência, só isso me faria dar a Legião de Honra, a Cruz de Ferro, a Ordem do Cruzeiro, tudo que haja de condecoração em todo mundo aos amadores do nosso teatro. Olhe, quando se falou contra o ópio do povo, devia-se ter pôsto no plural e juntado o cinema e o futebol... O mundo não progride por causa desses entorpecentes” (ANDRADE, 1971, p. 85).

longe o pensador mais importante e influente do Brasil contemporâneo. E isso, dentre outras coisas, exatamente porque “[...] DaMatta ‘faz a cabeça’ do Brasil moderno, sendo as suas ideias repetidas não só por seguidores na Academia, mas por grande parte da mídia e do senso comum” (SOUZA, 2006, p. 15). Cabe, nesse sentido, frisar que os efeitos acadêmicos, mas também sociais, do mais importante trabalho interpretativo de DaMatta (1979), a saber, o livro *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, se fariam repercutir com tamanha força na discussão que uma série de autores, primeiro nos anos 1990 e, em seguida, nos anos 2000, realizariam acerca do futebol, com destaque, por exemplo, para as análises levadas a efeito por Toledo (2000a) em sua tese intitulada *Lógicas no futebol*⁶ e em seu livro *No país do futebol* (2000b)⁷ e por Damo (2005) na tese *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*⁸. Oportuno dizer que, apesar das reservas à abordagem damattiana, ainda assim tais autores permaneceram presos às ideias deste autor, em especial ao pleitearem restituir o estilo de jogo brasileiro ou os estilos clubísticos como variações *sui generis* no futebol.

É preciso, no entanto, advertir que essa leitura culturalista do futebol brasileiro levada a cabo por DaMatta e seus continuadores não tem como seu único propósito restituir as bases simbólicas ou as técnicas corporais inerentes ao suposto estilo de jogo brasileiro – condensada na categoria “futebol-arte”. Há também no âmago dessa interpretação teórica um modelo de sociabilidade esportiva que concebe o futebol como um fenômeno quase que etéreo e que, por conseguinte, permitiria a sociedade brasileira acertar as contas com ela mesma. O futebol então como grande festa inverteria as hierarquias sociais, dissolvendo momentaneamente as distâncias sociais de uma sociedade desigual e injusta como a brasileira. Além disso, é por intermédio do futebol, dentre outros vários ritos festivos e de celebração, que teríamos, segundo DaMatta, a real possibilidade de nos descobrirmos mais alegremente como povo brasileiro, encontrando uma fonte de energia para retornarmos às rotinas do cotidiano. Em síntese, o argumento de DaMatta é que o futebol e as demais práticas esportivas de origem inglesa seriam fortemente marcados pela lógica individualista moderna e que essas práticas,

6 “Portanto, poderia afirmar que se trata não tanto de ler o Brasil pelo futebol, como se ele fosse uma auto-representação a-histórica, num sentido estrutural, mas ler também o futebol pela sociedade brasileira, nas suas múltiplas dimensões, identificadas, de um ponto de vista típico-ideal, na atuação dos especialistas, profissionais e torcedores que, por sua vez, investem, nem sempre de maneira consensual, na promoção e consolidação de nossa auto-imagem, representada na englobante expressão Futebol Brasileiro” (TOLEDO, 2000a, p. 31). “Espera-se de qualquer jogador, na apreciação de suas qualidades sensíveis estilo e técnica, ou dos técnicos, no exame dos “segredos” e “filosofias” de seu jogo, os padrões ou formas por eles experimentados, certas compatibilidades com as representações já inscritas e muitas vezes consolidadas no imaginário coletivo torcedor e propagado pela imprensa esportiva. Assim, um atleta ou até mesmo um técnico de um time como o Corinthians ou o Grêmio, por exemplo, deveriam jogar ou propor formas de jogo onde a garra, a vontade, a luta, independentemente das suas qualidades profissionais, capacidade, posição, função ou atribuições táticas pré-determinadas, sejam contempladas” (TOLEDO, 2000a, p. 165).

7 “A distinção social foi paulatinamente transfigurada em símbolo de um processo de identificação de nacionalidade experimentado pelos mais variados grupos sociais em todo o país. Futebol: símbolo brasileiro que ultrapassa as fronteiras nacionais, tal como se nota através da notoriedade alcançada por inúmeros jogadores, sobretudo Pelé, que condensa na imagem de “atleta do século” o estilo brasileiro de jogar” (TOLEDO, 2000b, p. 9).

8 “O prazer estético dado pela ressemantização dos sacos de lixo, da bola murcha, das traves com sacos de folha secas, pelo jogo jogado no paralelepípedo, em meio aos carros estacionados, sem o calçado adequado, enfim, todos esses ingredientes de bricolagem característicos das peladas da Leão XIII poderiam ser tomados como signos que denotam um estilo de vida e mesmo uma representação de mundo. Todos os elementos referidos poderiam também ser tomados como indicativos das carências brasileiras, da falta de equipamentos adequados ao lazer, aos direitos das crianças e adolescentes, mas eles não são apenas isso. São, em certo sentido, intencionalmente engendrados, incorporados ao jogo e até mesmo imprescindíveis a ele, na medida em que constituem-no como verossímil em relação às representações generalizadas de que é assim que se aprende a jogar futebol “à brasileira” ou, como é definido entre nós, é assim que se faz o futebol-arte. A arte residiria, precisamente, na capacidade de contornar o incontornável, no jogo de cintura, no bricolar com o corpo, com a moralidade, a estética e assim por diante. O futebol seria uma extensão ou quem sabe a concretização desse imaginário. O que não se deve fazer, no entanto, é romancerizar estes estilos, esquecendo-se que nele há conflitos, fluxos de poder e violências como em outros contextos” (DAMO, 2005, p. 147); “O público aplaude e vaiá determinados gestos, individuais e coletivos e, assim sendo, marca sua disposição estética e, acredita-se, isso interferia nas ações dos jogadores que, por certo, preferirão, sempre que possível, os aplausos e, portanto, a realização de movimentos apreciados pelo público. Que isso não seja um processo mecânico é mais fácil de demonstrar teoricamente do que através de elementos etnográficos. Como disse anteriormente, os dados já haviam sido lançados quando estava em campo, razão pela qual decidi seguir em frente, indagando, aqui e ali, pelo tal de futebol-arte, um pouco como Quesalid, o cétilo aprendiz de feiticeiro que, no intuito de desmistificar a magia acaba mistificado por ela – Quesalid é personagem de Franz Boas, mas ficou famoso através de Lévi-Strauss” (DAMO, 2005, p. 325).

ao serem distribuídas em uma sociedade personalista como a brasileira, produziriam, como rito de inversão, uma experiência singular de democracia (DAMATTA, 2006).

A quarta e última linhagem da Sociologia do Futebol brasileiro que recuperamos em nosso mapeamento se construiu de forma epistemologicamente contrária às ideias-força que foram defendidas na terceira “família intelectual” que acabamos de expor. Em resposta então à ideia de que o futebol seria uma das zonas de confraternização mais emblemáticas na qual as tensões raciais/sociais prevalecentes na sociedade brasileira foram e seriam exemplarmente negociadas quando senão dissolvidas, essa “família intelectual” em tela se propôs a enfatizar justamente o contrário, muito embora também admita, tal como fazem os adeptos da linhagem anterior, que a distribuição dessa prática esportiva no Brasil, ao longo de sua história, tenha contemplado diferentes grupos sociais estruturantes desta sociedade. Em outras palavras, a lógica de distribuição social do futebol ao ponto de se popularizar foi analisada no âmbito dessa quarta linhagem pelo prisma da estratificação racial, acentuando, entretanto, todas as dificuldades e barreiras que foram impostas aos negros e mulatos ao adentrarem no contexto de ação futebolístico brasileiro, seja como praticantes ou consumidores.

Se no caso da linhagem anteriormente exposta o grande teórico sistematizador de ideias-força foi Roberto DaMatta, dando continuidade à interpretação culturalista que Gilberto Freyre teceu acerca da sociedade brasileira, no caso dessa quarta “família intelectual” o autor-chave por trás das principais categorias analíticas a ela incrustadas é Florestan Fernandes, em especial, por conta das análises que desenvolveu no seu clássico texto *A integração do negro na sociedade de classes*, sendo, entretanto, a obra *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Rodrigues Filho, a via principal de acesso pela qual as ideias e análises de Florestan se fizeram impor na condição de uma interpretação sociológica dominante sobre a mobilidade social de negros e pardos no contexto de ação futebolístico brasileiro (SOUZA, 2014).

Em *O negro no futebol brasileiro*, Mario Filho – que, por sinal, também contribuíra na obra em questão para fazer circular algumas ideias-força caras à terceira linhagem que revisitamos – argumenta que a ascensão social do negro no futebol foi permeada por dúvidas e resistências que levavam em conta a cor de sua pele. A herança das relações raciais do recente passado escravocrata do país se fazia presente em todas as áreas que compunham a chamada sociedade de classe (FERNANDES, 2008) e, no contexto futebolístico, segundo sugere Rodrigues Filho (2003), não era diferente. Construiu-se assim toda uma mística negativa quanto aos jogadores mulatos e negros, colocando em estado permanente de dúvida o caráter desses agentes e o seu reconhecimento como seres humanos dignos de respeito e confiança. Quanto a esse aspecto Mario Filho afirma que: “Havia quem acreditasse piamente no suborno de jogadores. Principalmente de mulatos e pretos (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 244). Diante do exposto, é permissível dizer que no âmbito dessa quarta “família intelectual” é crítica rotineira considerar que a ascensão de negros no contexto futebolístico não levou em conta suas potencialidades como seres humanos dignos de respeito, a propósito do que ocorreu com aquelas pessoas ajustadas aos padrões éticos e estéticos do sistema social vigente, e, ao invés disso, esteve ancorada em função de suas supostas “habilidades inatas” para a prática deste esporte tal como se convencionou a disseminar a partir, sobretudo, das ideias-força defendidas na terceira linhagem da Sociologia do Futebol brasileiro.

É oportuno notar, a título de esclarecimento, que o próprio Florestan tinha consciência de quão ambígua havia sido a inserção das populações de cor no âmbito esportivo. Prova

disso, por exemplo, foram as alusões feitas por ele e Bastide no livro *Brancos e negros em São Paulo* a alguns fatos que assinalavam que os esportistas negros haviam sofrido vetos na prática da natação e do futebol (BASTIDE; FERNANDES, 2008). Esse tipo de menção, ainda que de forma bastante pontual, também se fez presente no livro *A integração do negro na sociedade de classes*. Ao evocar alguns dados e fatos para atestar suas hipóteses, Florestan concedeu voz a agentes que colecionaram experiências contraditórias durante o contato social misto levado a rigor no contexto de ação futebolístico brasileiro. Um dos informantes de Florestan disse, nesse propósito, que: “[...] Enquanto a preocupação do grupo foi futebol, não houve maiores choques com os companheiros, pois eu era bom jogador e eles precisavam de mim. É fato que, umas vezes por zanga, outras de brincadeira, era chamado minelite e negro, e isto não deixava de amargurar-me” (FERNANDES, 2008, p. 329).

No lastro dessa e de outras menções pontuais que Florestan fez ao futebol e ao esporte de maneira geral como espaços onde negros e mestiços foram se inserindo a partir do jugo das censuras raciais, convém ressaltar que, no âmbito das pesquisas em Sociologia do Futebol no Brasil, há algum tempo já têm sido referenciados vários processos que vão ao encontro ou que, no mínimo, são sensíveis à análise empírico-teórica levada a cabo por Florestan em *A integração do negro na sociedade de classes*.⁹ Por conseguinte, isso que está sendo dito se concretiza na medida em que a análise proposta pelo autor culminou com o entendimento de que a etiqueta das relações raciais no contexto da sociedade inclusiva ainda era conduzida segundo critérios depreciativos herdados da época escravista, de modo que o futebol, como microcosmo dessa sociedade, estaria potencialmente predisposto a reproduzir essa sorte de preconceitos e discriminações, evidenciando a existência de um sistema de estratificação social nessa prática esportiva que seria marcado por uma rede de tensões e conflitos estabelecidos em função da variável raça, tal como argumentado e exaustivamente analisado por uma série de autores que somaram e têm somado contribuições no interior dessa “família” (CORRÊA, 1985; GORDON JÚNIOR, 1996; VIEIRA, 2001, 2003; SILVA, C. A. F., 2002; SILVA, A. P., 2008; SANTOS, 2008; TONINI, 2010; ABRAHÃO, 2006, 2010; SANTOS, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O investimento teórico que nos aprrouve desenvolver neste artigo, mas de maneira alguma esgotar, em relação à produção de conhecimento no campo da Sociologia do Futebol brasileiro justifica-se epistemologicamente por duas razões. Por um lado, esse programa de análise aqui sugerido é útil porque permite visualizar algumas continuidades e rupturas partilhadas entre as quatro “famílias intelectuais” estruturantes desse campo do saber, bem como potencializa o rastreamento de algumas afinidades teóricas e ideológicas comungadas entre diferentes autores no âmago de uma mesma linhagem, independentemente do grau

⁹ Seguem alguns exemplos: “A grande culpa de Heráclito era ser preto. O Bangu sabia disso, podia aproveitar a ocasião para branquear um pouco o time, mas preferiu deixar Heráclito no gol. Por mais algum tempo, até que aparecesse um outro quíper, preto ou branco, feito lá em cima. Melhor branco. Era sempre bom, mesmo para um clube de fábrica ter mais brancos do que pretos no time. Os pretos eram muito visados, quase não podendo fazer nada em campo. Tendo de jogar um futebol muito limpo, muito decente, respeitando os brancos. Quando o preto metia o pé num branco era sururu na certa. Todo mundo achando que preto devia ser posto para fora do campo” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 88); “Na verdade, tão somente abandonou expressões como negro sujo e crioulo nojento, repetidas em coro nos estádios dos anos 20 e 30, para abrigar-se em conceitos mais modernos e menos vulgares. Mas nem por isso menos crueis” (CORRÊA, 1985, p. 31); “O grande contingente de jogadores negros e pardos no futebol certamente relaciona-se com a não exigência de qualificações pessoais, tais como formação educacional ou recursos econômicos, para o ingresso nesta atividade profissional. Na verdade, as qualificações requeridas relacionam-se apenas com a própria capacidade de desempenho no futebol, tais como: resistência, força, velocidade, visão de jogo e, sobretudo, habilidade com a bola. Por terem habilidades físicas, o aspecto econômico a priori não assume o caráter eliminatório que costuma ter em outros ramos profissionais que oferecerem situações similares de prestígio e status” (VIEIRA, 2003, p. 229).

de consciência desses agentes quanto a essas filiações introspectivas. Por outro lado, esse exercício teórico conduzido sob as premissas metodológicas de uma Sociologia Crítica do Conhecimento também permite, dentre outras coisas, realizar uma diferenciação nos estudos revisitados entre aquilo que em seus enredos poderia ser lido como novidades teóricas ou, em contrapartida, como material pura e exclusivamente ideológico que se difundiu de geração em geração intelectual no Brasil e, de forma mais ampla, no mercado internacional de ideias.

A par desta leitura, podemos então transitar epistemologicamente com um pouco mais de cuidado e reserva com relação às tendências descontinuistas de retomada da produção de conhecimento tão em voga ultimamente no campo acadêmico, isto é, aquelas tendências que acreditam que suas propostas analíticas tendem a ser inteira e radicalmente novas, como se não houvesse uma história dos objetos estudados e, principalmente, uma história dos sistemas de conhecimento dos objetos cientificamente estudados ou, o que é mais preocupante, como se tais objetos em apreço fossem totalmente neutros com relação ao *corpus* de formulações teóricas ou como se somente nossas descrições do mundo estivessem livres das ideologias e crenças. É por nos armarmos de tal senso de reflexividade que se torna possível, inclusive – e num esforço subsequente de elucubração – distinguir com clareza aquilo que é importante ser retido ou problematizado das linhagens intelectuais da Sociologia do Futebol no Brasil e das obras de seus respectivos herdeiros no intuito de avançar em uma compreensão mais rigorosa das relações e mediações firmadas entre futebol e sociedade.

A despeito das inúmeras contribuições que então foram tecidas no âmbito de cada uma dessas “famílias intelectuais” revisitadas no que versa a uma compreensão cada vez mais rigorosa do futebol e de sua circulação social no Brasil, foi possível percebermos que as quatro linhagens identificadas, em que pese às especificidades de suas agendas tal como nos coube aqui rapidamente expor, veicularam uma série de crenças nutridas por sentimentos de idealismo, otimismo, pessimismo ou naturalismo em relação ao modo com que o futebol foi sendo apropriado, difundido e distribuído entre os diferentes grupos sociais no país. Por conseguinte, essas posturas assumidas pelos intelectuais se fizeram traduzir ao longo do século XX na própria lógica de oferta e consumo do futebol no Brasil, invisibilizando uma série de relações e de contraprocessos de natureza material e simbólico-emocional que talvez sejam mais preponderantes para restituir a lógica não planejada, porém estruturada, que permitiu que o futebol se tornasse um dos principais fenômenos culturais da modernidade.¹⁰ Essa discussão, no entanto, transcende os objetivos propostos neste artigo e a retomaremos, com maior grau de aprofundamento empírico-teórico, em ocasiões futuras.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **Uma leitura do idioma simbólico do racismo a partir do futebol.** 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁰ Para um maior aprofundamento sobre as relações de contingência visualizada entre a esfera epistemológica e ontológica na construção da dialética da oferta e demanda dos bens futebolísticos na sociedade brasileira e sobre a maneira com que essa relação de imbricamento acabou ocultando os “significados reais” estruturantes do processo de difusão do futebol para as diferentes direções sociais no Brasil, sem que, entretanto, houvesse um planejamento racionalizado por parte dos intelectuais e produtores culturais dedicados ao futebol nessa dinâmica sugerida, revisitar especialmente os dois últimos capítulos da tese que animou a produção desse artigo-síntese (Ver nesse particular: SOUZA, 2014, p. 235-356).

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **O “preconceito de marca” e a ambigüidade do “racismo à brasileira” no futebol.** 2010. 399 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

ANDRADE, Oswald de. **Ponta de lança:** polêmica. 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1971.

BASTOS, Elide Rugai. Gildo Marçal Bezerra Brandão (1949-2010): um analista do pensamento brasileiro. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 1, p. 5-10, 2010.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Brancos e negros em São Paulo.** 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

BOTELHO, André. Seqüências de uma sociologia política brasileira. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 50, n. 1, p. 49-82, 2007.

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 22, n. 1, p. 47-66, jun. 2010.

BOTELHO, André; LAHUERTA, Milton. Interpretações do Brasil, pensamento social e cultura política: tópicos de uma necessária agenda de investigação. **Perspectivas**, v. 28, p. 7-15, jul./dez. 2005.

BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; VILLAS BÔAS, Glaucia. **O moderno em questão:** a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 145, n. 1, p. 3-8, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

BRANDÃO, Gildo Marçal Bezerra. Linhagens do pensamento político brasileiro. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 48, n. 2, p. 231-269, 2005.

BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporte.** Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas:** futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 2007, 381 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CORRÊA, Lucia Helena. Racismo no futebol brasileiro. In: DIEGUEZ, Gilda Korff. (Org.). **Esporte e poder.** Petrópolis: Vozes, 1985. p. 31-39.

COSTA, Francisco. O futebol na ponta da caneta. **Revista da USP**, n. 22, p. 84-91, jun./ago. 1994. (Dossiê futebol).

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens:** duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FAORO, Raymundo. A aventura liberal numa ordem patrimonialista. **Revista da USP**, n. 17, p. 14-29, 1993.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes:** o legado da “raça branca”. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA, Luciana da Costa. **Um personagem chamado Lima Barreto.** 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Literária) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GORDON JÚNIOR, Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso.” história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, n. 3/4, p. 65-78, 1996.

HELAL, Ronald. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p.11-37, mar. 2011.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, arte e política: a catarse na representação do torcedor. **Organizações e Sociedade**, v. 16, n. 48, p. 123-140, jan./mar. 2009.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”:** projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MANNHEIM, Karl. O problema de uma sociologia do conhecimento. In: BERTELLI, Antônio Roberto et al. (Org.). **Sociologia do conhecimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 13-80.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974).** São Paulo: Ática, 1980.

MURAD, Mauricio. Para una sociología del fútbol en Brasil. In: GODÍO, Matías; ULIANA, Santiago. (Org.). **Fútbol y sociedad:** prácticas locales e imaginarios globales. Buenos Aires: EDUNTREF, 2011. p. 217-238.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; CHALHOUB, Sidney. (Org.). **A história contada:** capítulos da história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 195-231.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa.** 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RAMOS, Roberto. **Futebol:** ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

RICUPERO, Bernardo. **Caio Prado Júnior e a nacionalização do marxismo no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 2000.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A sociologia da sociologia do futebol brasileiro. **Barbarói**, n. 19, p. 29-50, jul./dez. 2003.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSSO, Mauro. **Lima Barreto versus Coelho Neto**: um Fla-Flu literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SALDANHA, João. **Os subterrâneos do futebol**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

SANTOS, Jorge Artur dos. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)**. 2000. 277 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Futebol e racismo no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 169, n. 349, p. 131-147, abr./jun. 2008.

SHIRTS, Matthew. Literatura futebolística: uma periodização. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. (Org.). **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. p. 45-69.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira-latas**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. 2008. 218 f. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. **Futebol, linguagem e mídia**: ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro. 2002. 202 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Silvio Ricardo da et al. **Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFGM, 2009.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A produção do conhecimento sobre o futebol brasileiro. In: **Memórias do Congresso Mundial de Educação Física**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1998. p. 175-182.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLLO, Hugo Rodolfo. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. **Pesquisa de Campo**, n. 5, p. 7-20, 1997.

SOUZA, Juliano de. **O “esporte das multidões” no Brasil**: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. 2014. 432 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, Jessé de. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Contribuições ao estudo da crônica esportiva 1: a “contracrônica” esportiva de Lima Barreto. **Pesquisa de Campo**, n. 3/4, p. 37-50, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000a.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000b.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 52, p. 133-165, 2001.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados**: história oral da vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). 2010. 432 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 185-200, set. 2006.

VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 1-23, mar./jun. 2005.

VIEIRA, José Jairo. **Paixão nacional e mito social**: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social. 2001, 337 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - IUPERJ, 2001.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre o preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, n. 42/43, p. 221-244, jan./jul. 2003.